ISSN: 2358-8829

O USO DE MAQUETES COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA NO ENSINO DE HISTÓRIA: UM RELATO DA EXPERIÊNCIA DOS PIBIDIANOS SOBRE A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Joel de Castro Dias Junior Graduando do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Piauí (UFPI/CPCE). E-mail: junior.diasjr17@gmail.com [1]

Dandária do Lago Santana Graduanda pelo curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Piauí (UFPI/CPCE). [2]

Orientadora: Professora Dra. Maria de Jesus Assunção e Silva Docente do curso de Licenciatura em Educação do Campo, Universidade Federal do Piauí (UFPI/CPCE). E-mail: mariadejesusassuncaoesilva@gmail.com [3]

1 INTRODUÇÃO

O ensino de História tem o compromisso de possibilitar aos estudantes a compreensão dos acontecimentos do passado e de suas relações com a sociedade em que vivem. Para isso, não basta apresentar datas, nomes e fatos de forma isolada: é importante criar condições para que a turma intérprete processos históricos, estabeleça relações entre acontecimentos e construa explicações com base em informações. Esse desafio torna-se ainda mais evidente quando o conteúdo envolve conflitos de grande dimensão, como a Segunda Guerra Mundial, marcada por disputas políticas, militares e territoriais, pela mobilização de diferentes países e por consequências profundas para as populações.

Em sala de aula, conteúdos históricos complexos podem parecer distantes da realidade dos estudantes quando são trabalhados apenas por meio da exposição oral ou da leitura. Isso não significa que a explicação do professor ou o livro didático percam sua importância, mas indica a necessidade de combinar diferentes estratégias para favorecer a compreensão. Recursos visuais e táteis, quando articulados aos objetivos da aula, ajudam a representar espaços, cenários e relações que nem sempre são facilmente imaginados a partir de um texto. A maquete é uma dessas possibilidades, pois permite organizar elementos em uma representação tridimensional e observar relações espaciais de maneira concreta.

Este trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida por bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), na Escola Municipal Maria Aristéia, com estudantes das turmas 9º A e 9º B. A proposta utilizou a construção e a apresentação de maquetes como recurso didático para o estudo da Segunda Guerra Mundial. A atividade foi planejada pelos pibidianos sob supervisão da professora da escola e organizada de modo que os estudantes participassem não apenas como ouvintes, mas também como pesquisadores e produtores de materiais para compartilhar com os colegas.

O objetivo central é refletir sobre as contribuições do uso de maquetes para o ensino de História, considerando o envolvimento dos alunos, a construção de

ISSN: 2358-8829

conhecimentos e as habilidades mobilizadas durante o trabalho em grupo. A relevância da experiência está, ainda, em evidenciar o PIBID como espaço de aproximação entre formação acadêmica e cotidiano escolar, no qual os licenciandos podem planejar, desenvolver e avaliar propostas pedagógicas em diálogo com professores e estudantes. O relato tem caráter descritivo e reflexivo, fundamentado na organização da atividade e nas observações realizadas durante sua execução.

2 METODOLOGIA

A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Maria Aristéia, com as turmas do 9º A e do 9º B, tendo como tema de estudo a Segunda Guerra Mundial. A proposta foi concebida pelos bolsistas do PIBID e realizada com a supervisão da professora da escola. O percurso metodológico foi organizado em etapas articuladas, de modo que a produção das maquetes não fosse uma tarefa isolada, mas parte de um processo de estudo, seleção de informações, planejamento e comunicação do conhecimento histórico.

Na primeira etapa, realizou-se a introdução teórica e a contextualização do conteúdo. Esse momento teve a função de apresentar o tema, situar os estudantes diante do acontecimento histórico e oferecer uma base inicial para o desenvolvimento da atividade. A contextualização foi importante para que a construção dos materiais estivesse vinculada ao conteúdo estudado, evitando que a maquete se reduzisse a um objeto decorativo ou a uma reprodução sem explicação histórica.

Na segunda etapa, a atividade foi apresentada aos estudantes por meio da proposta de seminários em grupo, com a confecção de maquetes. A organização coletiva permitiu dividir tarefas, discutir possibilidades de representação e decidir quais informações seriam necessárias para comunicar o tema escolhido. A proposta também exigiu que os alunos pesquisassem e selecionassem informações, pois a construção de um modelo em escala envolve escolhas: o que representar, quais elementos destacar e como explicar a relação entre eles.

A terceira etapa correspondeu ao planejamento e à execução dos trabalhos, com acompanhamento contínuo dos bolsistas. O suporte oferecido durante o processo buscou orientar a organização das tarefas e manter a relação entre o material produzido e o conhecimento histórico. A mediação foi relevante para que dúvidas pudessem ser discutidas ao longo da construção, e não somente no momento final. Na quarta etapa, os grupos apresentaram os seminários utilizando as maquetes como recurso visual e palpável para apoiar suas explicações.

Este relato se baseia na descrição da prática e nas observações qualitativas do envolvimento dos estudantes durante o desenvolvimento e a apresentação dos trabalhos. Não foram utilizados instrumentos quantitativos de avaliação, nem se pretende atribuir percentuais ou medidas numéricas aos resultados. Por essa razão, a análise se concentra nos aspectos percebidos na participação, na colaboração e no uso das maquetes como apoio à exposição oral. A experiência é apresentada respeitando os limites próprios de um relato pedagógico.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

ISSN: 2358-8829

A utilização de recursos didáticos precisa estar relacionada à intencionalidade do ensino. Um material, por si só, não garante a aprendizagem; sua contribuição depende da maneira como é integrado ao planejamento, às perguntas propostas e à atividade intelectual dos estudantes. Nessa perspectiva, a maquete pode ser entendida como um recurso de mediação: torna visíveis determinadas relações espaciais e oferece um suporte concreto para a explicação, mas precisa estar acompanhada de pesquisa, contextualização e interpretação histórica.

Libâneo (1994), ao tratar da didática, destaca a relação entre objetivos, conteúdos, métodos e condições de aprendizagem no trabalho docente. Essa compreensão ajuda a analisar a experiência descrita: a construção das maquetes não foi pensada como uma atividade manual separada do conteúdo, mas como estratégia vinculada ao estudo da Segunda Guerra Mundial. A escolha do recurso deve responder ao que se pretende ensinar e às formas pelas quais os estudantes podem se apropriar do conhecimento. Assim, o valor pedagógico da maquete está menos no acabamento do objeto e mais na possibilidade de mobilizar os alunos para estudar, selecionar informações, organizar ideias e explicar o que compreenderam.

Farias et al. (2011), ao discutirem didática e docência, contribuem para compreender o ensino como uma prática profissional que exige planejamento, reflexão e decisões pedagógicas contextualizadas. Na experiência relatada, os bolsistas precisaram articular o conteúdo histórico, a organização dos grupos, o acompanhamento da produção e o momento de apresentação. Esse processo favorece a aprendizagem da docência porque coloca os licenciandos diante de situações reais da escola e exige que relacionem conhecimentos construídos na formação acadêmica com as necessidades concretas da turma.

Kenski (2015) chama atenção para a urgência de propostas inovadoras na formação de professores. A inovação, nesse sentido, não se resume à introdução de um recurso diferente: envolve repensar a participação dos estudantes e criar situações em que eles possam atuar de forma mais ativa na construção do conhecimento. A maquete pode contribuir para esse movimento ao aproximar a investigação do conteúdo de uma produção coletiva, em que os alunos precisam tomar decisões e explicar suas escolhas. O recurso, contudo, não substitui a mediação docente nem dispensa a análise crítica dos acontecimentos históricos.

No ensino de História, essa mediação é especialmente importante porque toda representação é seletiva. Uma maquete não reproduz a totalidade de um conflito mundial, tampouco consegue expressar sozinha suas causas, seus desdobramentos políticos ou as experiências humanas envolvidas. Ela representa aspectos delimitados, definidos a partir de uma proposta de estudo. Por isso, o professor e os estudantes precisam relacionar o modelo visual às informações históricas, questionar o que foi incluído ou deixado de fora e evitar que a representação seja confundida com o acontecimento em toda a sua complexidade.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

ISSN: 2358-8829

Durante a realização da atividade, observou-se uma resposta positiva dos estudantes, especialmente no que diz respeito ao envolvimento e à motivação para participar das tarefas. A proposta de produzir uma maquete e utilizá-la em um seminário criou uma finalidade concreta para a pesquisa: as informações precisavam ser compreendidas e organizadas para que pudessem ser representadas e, posteriormente, explicadas aos colegas. Dessa forma, o estudo deixou de se limitar à recepção de informações e passou a incluir decisões sobre como comunicar o conteúdo aprendido.

Um dos principais resultados percebidos foi a possibilidade de transformar determinados conceitos e relações espaciais em representações visuais. Ao observar uma maquete, os estudantes podem localizar elementos, perceber distâncias e compreender melhor a disposição dos componentes representados. No caso da Segunda Guerra Mundial, esse recurso pode apoiar a discussão de cenários e espaços relacionados ao conflito, desde que cada representação seja explicada e contextualizada. A materialidade do objeto favorece a observação, mas a compreensão histórica continua dependendo da pesquisa e da argumentação desenvolvidas pelos alunos.

A atividade também mobilizou habilidades de trabalho em equipe. A organização dos grupos exigiu diálogo, divisão de responsabilidades e articulação entre diferentes tarefas. Para concluir a proposta, os estudantes precisaram negociar decisões e combinar a produção material com a preparação da apresentação. Esse tipo de experiência pode contribuir para o desenvolvimento da responsabilidade coletiva, pois o resultado depende da participação de cada integrante e da capacidade do grupo de reunir as partes em uma explicação coerente.

A atuação dos bolsistas como mediadores foi importante ao longo do processo. O acompanhamento permitiu orientar os grupos e manter a atenção no objetivo pedagógico da atividade. Essa função não consiste em entregar respostas prontas ou assumir a tarefa dos alunos, mas em apoiar o percurso de aprendizagem, estimular perguntas e ajudar a relacionar o que estava sendo produzido com o conteúdo histórico. A experiência demonstra, portanto, que a utilização de um recurso didático requer planejamento e presença docente antes, durante e depois de sua confecção.

É importante reconhecer, entretanto, que a experiência relatada não permite afirmar que todos os estudantes aprenderam da mesma maneira ou que a maquete, isoladamente, assegurou a compreensão integral do conteúdo. A observação do engajamento é um indicador relevante da participação, mas não equivale, por si só, a uma mensuração definitiva da aprendizagem. Em atividades futuras, seria possível complementar a observação com registros reflexivos dos estudantes, perguntas antes e depois da intervenção ou uma produção escrita individual. Esses instrumentos ajudariam a compreender com mais precisão quais conceitos foram assimilados e quais ainda precisariam ser retomados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência desenvolvida na Escola Municipal Maria Aristéia, com as turmas 9º A e 9º B, evidenciou que o uso de maquetes pode contribuir para o ensino de História quando está associado à contextualização, à pesquisa e à apresentação dos conhecimentos

construídos. No estudo da Segunda Guerra Mundial, o recurso ofereceu aos estudantes uma forma concreta de organizar visualmente aspectos do tema e serviu de apoio para os seminários. A prática também favoreceu o envolvimento dos alunos e a mobilização de habilidades como colaboração, seleção de informações e comunicação.

Mais do que a produção de um objeto, a proposta valorizou o percurso realizado pelos estudantes. Planejar, construir e apresentar uma maquete exigiu participação ativa e possibilitou que os grupos assumissem responsabilidades no desenvolvimento da atividade. Ao mesmo tempo, a experiência mostrou que o recurso precisa estar acompanhado de orientação pedagógica para que a representação não se sobreponha à análise histórica. A maquete é um meio para estudar e explicar, e não um fim em si mesma.

Para os bolsistas do PIBID, a prática representou uma oportunidade de vivenciar o planejamento e a mediação do ensino em contexto escolar. O contato com os estudantes e a necessidade de acompanhar as diferentes etapas da atividade contribuem para a formação de professores capazes de refletir sobre suas escolhas metodológicas. Nesse sentido, o programa constitui um espaço importante de aproximação entre universidade e escola, permitindo que propostas pedagógicas sejam experimentadas, observadas e discutidas a partir da realidade educacional.

Como possibilidade de continuidade, recomenda-se que novas aplicações da estratégia incluam formas simples de registrar a aprendizagem, como pequenos textos explicativos, autoavaliações ou perguntas de síntese após as apresentações. Também é importante que as maquetes sejam acompanhadas de fontes e explicações que ajudem a contextualizar os elementos representados. Conclui-se que, quando planejada de forma crítica e integrada ao conteúdo, essa ferramenta amplia as possibilidades de ensinar e aprender História e reforça o papel do PIBID na construção de uma docência investigativa, criativa e reflexiva.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Escola Municipal Maria Aristéia, à professora supervisora Maria Daguia e aos estudantes das turmas 9º A e 9º B pela participação na experiência, bem como ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), pelo espaço de formação e aproximação entre a universidade e a escola.

REFERÊNCIAS

FARIAS, Isabel Maria Sabino de et al. **Didática e docência: aprendendo a profissão.** Brasília: Liber Livro, 2011.

KENSKI, Vani Moreira. **A urgência de propostas inovadoras para a formação de professores.** Revista Diálogo Educacional, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 423-441, 2015.

LIBÂNEO, José Carlos**. Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.